

Capítulo 15 - Perguntas Retóricas

A pergunta é uma das construções do Novo Testamento grego, que é ligada a mais de uma função. É uma construção relativamente comum, sendo que cerca de 1000 são encontradas ao todo no Novo Testamento. As perguntas podem ser divididas em duas categorias – a de perguntas reais e a de perguntas retóricas. 124 As primeiras são consideradas popularmente como perguntas - são usadas para obter informação. Não apresentam grandes problemas ao tradutor, pois são encontradas em todas as línguas, e, com certeza, normalmente são as primeiras construções aprendidas por um estrangeiro. Porém, as perguntas retóricas, que constituem aproximadamente setenta por cento das perguntas encontradas no Novo Testamento, não são assim tão diretas. Embora tenham o formato de uma pergunta, não são usadas para obter informação. Em vez disso, são usadas para passar alguma informação ou chamar atenção à mesma, e para expressar as atitudes, opiniões, etc., do falante.

Como poderia ser esperado, quase todas as perguntas reais são encontradas nos livros históricos do Novo Testamento; todas, com exceção de cinco ou de seis, podem ser encontradas nos Evangelhos e no livro de Atos, sendo que a maior parte dessas perguntas aparece nas conversas. As perguntas retóricas estão espalhadas por todo o Novo Testamento, apesar de serem particularmente comuns em algumas epístolas de Paulo, tais como Romanos, que tem 83 perguntas retóricas, e 1 Coríntios que tem pelo menos 100 - mais perguntas por página do que há em qualquer outro livro do Novo Testamento.

Como nos outros casos discutidos no capítulo 14, há uma falta de correspondência entre a forma de uma pergunta retórica e a sua finalidade ou sentido. Essa falta de correspondência é específico de uma língua; nenhuma outra língua usa perguntas retóricas da mesma maneira, nem com a mesma frequência que o Grego do Novo Testamento. Isso quer dizer que o tradutor deve entender tanto a função das perguntas retóricas encontradas no Novo Testamento, como a função das perguntas retóricas encontradas na Língua Receptora. As funções não serão iguais, por isso uma transferência literal das perguntas retóricas do texto original para a Língua Receptora poderá levar, exegeticamente e dinamicamente, a uma falta de fidelidade.

Distinguindo Perguntas Reais e Retóricas no Novo Testamento

Ao estudar as perguntas do Novo Testamento, o tradutor deve responder basicamente a duas questões relacionadas a cada pergunta:

- 1) Essa é uma pergunta real ou retórica?
- 2) Qual é a finalidade dessa pergunta?

Essa seção discutirá os critérios usados para diferenciar as perguntas reais das retóricas, e a próxima discutirá as várias funções relacionadas às perguntas reais e retóricas.

Essencialmente, o contexto é que deve ser estudado para diferenciar as perguntas reais das retóricas: o contexto anterior imediato e o contexto posterior.

O *contexto anterior* fornece pelo menos uma evidência clara: as três palavras do grego “erwtaw” e “eperwtaw ” que significam ‘pedir’, e “punthanomai ”, ‘questionar’, são usadas apenas para introduzir perguntas reais, diretas ou indiretas.¹²⁵ Por exemplo, Marcos 8:5, "Perguntou-lhes: quantos pães tendes?" (“jrwta” no Grego), e Atos 4:7, "perguntaram: Com que poder ou em nome de quem fizeste isto?" (“epunthanonto” no grego).¹²⁶ Há, sim, outras palavras gregas que também são usadas para introduzir perguntas, porém, elas podem introduzir tanto perguntas reais como retóricas. Sendo assim, apenas essas três palavras fornecem uma ajuda que não seja ambígua.

Para fazermos bom uso do *contexto posterior*, devemos lembrar da diferença básica entre a função de perguntas reais e retóricas. A pergunta real é usada para informar; e a pergunta retórica é usada para transmitir uma informação e chamar atenção à mesma. Se esse for o caso, quando uma pergunta real for respondida, será respondida por alguém diferente da pessoa que fez a pergunta. Do mesmo modo, uma pergunta retórica não será respondida, mas se for, será pela própria pessoa que a fez e não por outra.

Por isso, o tipo de resposta e quem responde a pergunta, são informações que devem ser buscadas no contexto que segue a pergunta. As observações acima fornecem um bom guia para distinguir a maioria das perguntas encontradas no Novo Testamento - se a pergunta for respondida por alguém com exceção da pessoa que fez a pergunta, então é uma pergunta real; se não for respondida ou se quem fizer a pergunta der a resposta, então é uma pergunta retórica. Porém, para analisar os dados fornecidos na grande extensão de contextos encontrados no Novo Testamento, é necessário refinar essa definição generalizada com definições mais específicas, primeiro para as perguntas reais, depois, para as perguntas retóricas.

Critérios específicos característicos de perguntas reais

- (1) Uma pergunta que peça informação é uma pergunta real, mesmo que o inquiridor saiba a resposta. As perguntas feitas, por exemplo, para verificar se um estudante sabe uma resposta, para levantar um argumento em uma situação polêmica, ou fazer com que alguém tenha um ponto de vista em particular, são todas perguntas reais. Temos um exemplo em João 6:5, 6: "Ele disse a Felipe: Onde compraremos pão, para estes comerem? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que havia de fazer." Porém, é importante ressaltar que há línguas em que perguntas para as quais quem as faz já tem respostas, não são usadas ou são apenas usadas em contextos restritos.
- (2) Uma pergunta ainda é considerada real mesmo se os personagens não forem personagens históricos. Esse tipo de situação ocorre em algumas parábolas. Por exemplo, na parábola do trigo e do joio (Mt 13:24 - 30), um dos servos do pai da família lhe pergunta, "Queres, pois, que vamos arrancá-lo?" (28b), e ele responde essa pergunta no versículo seguinte com um "Não."
- (3) Embora se espere uma resposta para uma pergunta real, há ocasiões em que a resposta permanece implícita. Mesmo se esse for o caso, a pergunta ainda

será considerada real. Por exemplo, em Lucas 8:45, Jesus pergunta: "Quem me tocou?" Essa pergunta é seguida pela frase: "E negando todos," que implica que todos responderam: "Não fui eu," ou pelo menos algo parecido. Outros exemplos similares são encontrados em Marcos 14:64; João 5:12, 18:16 - 27.

(4) Uma pergunta é considerada real, mesmo se a pessoa questionada esquivar-se da pergunta, reter ou adiar uma resposta. Assim, em Lucas 10:25, um doutor da lei questiona Jesus: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" No versículo seguinte, Jesus o responde dizendo: "O que está escrito na lei?" e adia a resposta real à pergunta do doutor da lei para o versículo 28. Em uma outra ocasião, Nicodemos perguntou a Jesus: "Como pode ser isto?" (Jo 3:9), e Jesus respondeu com uma pergunta retórica e com mais explicações. Outra vez, quando Pilatos perguntou à multidão: "Mas que mal fez ele?" (Mt 27:23), a multidão não respondeu diretamente, mas mesmo assim deu uma outra resposta: "Crucifique-o." No capítulo anterior (Mt 26:63), Mateus afirma: "Mas Jesus guardava silêncio." Recusou responder à pergunta. Outros dois exemplos de silêncio deliberado são encontrados em Marcos 3:4 e Mateus 26:63 (nesse caso, não está explícito que Jesus não respondeu, mas está claramente implícito).

(5) Às vezes os comentários do próprio autor indicam que, embora a pergunta seja real, uma resposta é desnecessária, imprópria, impossível ou desconhecida. Enquanto as três mulheres aproximaram-se do túmulo, disseram: "Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?" (Mc 16:3). Essa pergunta não precisa de uma resposta, porque Marcos comenta no versículo seguinte que elas olharam para cima e viram que a pedra já havia sido removida. O capítulo 22 de Mateus termina com a pergunta feita por Jesus, "Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é seu filho?" (Mt 22:45), que é seguida imediatamente pelo comentário: "E ninguém podia responder-lhe uma palavra..." (22:46). Não havia resposta, porque ninguém podia dar uma.

Em alguns casos o autor se refere às perguntas antes que tenham sido feitas ou depois de fazê-las, de modo que seja impossível ou desnecessário dar uma resposta. Por exemplo, em Lucas 7:19, João Batista enviou dois de seus discípulos a Jesus com instruções para perguntar-lhe: "És tu aquele que haveria de vir, ou esperamos outro?" Naturalmente não há resposta, porque a situação em que se esperaria que Jesus respondesse ainda não tinha surgido. Outros exemplos de referência às perguntas futuras são encontrados em Lucas 19:31, 20:5, 22:11. João 4:27 (duas perguntas), 16:5, e 21:12 incluem as perguntas que os discípulos de João Batista não ousaram fazer a Jesus. Encontra-se uma referência a uma pergunta feita em ocasião anterior em João 21:20. Aqui o discípulo a quem Jesus amou é descrito mais uma vez como o que perguntou: "Senhor, quem é que te há de trair?" Outros exemplos parecidos são encontrados em Lucas 8:45 (final do verso) e João 21:17b. Em João 7:11, quando os judeus que procuravam Jesus na festa perguntaram, "onde está ele?", nenhuma resposta foi dada porque ninguém sabia onde ele estava.

(6) Finalmente, há alguns exemplos nos quais duas perguntas reais funcionam como uma, de modo que só uma resposta é dada. A primeira pergunta é

genérica, e a segunda é específica. Por exemplo, no final de Mateus 22:41, e 22:42, temos: "Interrogou-os Jesus, dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles lhe disseram: de Davi.". A frase "Que pensais vós do Cristo?" é genérica, "De quem é filho?" é específica, a resposta dada é a resposta à pergunta específica, e, assim, também é a resposta à pergunta mais genérica. Essa mesma interpretação pode ser aplicada a Mateus 21:28, 31. Nesse caso a pergunta "Mas que vos parece?" no versículo 28 é genérica, e a do versículo 31, "Qual dos dois fez a vontade do pai?", é específica.

Crítérios específicos característicos de perguntas retóricas

Os parágrafos acima apontaram, em detalhe, as informações encontradas no contexto que indicam se uma pergunta é real. Agora, a mesma coisa será feita em relação às perguntas retóricas.

(1) Muitas das perguntas retóricas são encontradas nas epístolas, nas quais não há nenhuma possibilidade de alguém, com exceção do próprio escritor, responder a pergunta; a não ser que uma resposta escrita seja dada. Os problemas surgem com relação aos livros históricos - os Evangelhos e Atos - nos quais há situações reais de ensino em que os ouvintes podem responder a uma pergunta retórica. Essa afirmação será especificada a seguir.

Talvez a explicação acima possa ter dado a idéia de que só as perguntas reais têm respostas, e que se houver uma resposta no contexto a pergunta é, sem dúvida, real. Mas, na verdade, isso é apenas uma simplificação do que realmente acontece. As perguntas retóricas transmitem informação, e já que é natural um ouvinte responder à informação, também é bem possível que uma pergunta retórica receba uma resposta. Surge, então, a seguinte dúvida: A resposta foi dada a uma pergunta real ou retórica? Como podemos fazer essa distinção?

Essa questão não é fácil de ser respondida, por isso a discussão de um ou dois exemplos é a melhor maneira de esclarecer tais dúvidas. Em Lucas 13:7, 8 o proprietário de uma vinha questiona o vinhateiro a respeito de uma árvore infrutífera: "Porque ocupa ainda a terra inutilmente?" O vinhateiro responde, "Senhor, deixe-a este ano, até que eu a escave e a esterque." Essa não é na realidade uma resposta à pergunta do proprietário. Mas, se pergunta feita por ele for interpretada como sendo uma pergunta retórica equivalente a "Não deixe esta árvore ocupar mais a terra," então o pedido do vinhateiro é uma resposta natural a esse comando negativo.

Outro exemplo interessante é encontrado em João 7:51. Os fariseus estavam discutindo entre si, e Nicodemos faz a seguinte pergunta: "Porventura condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que ele fez?". Essa pergunta parece ser obviamente retórica - todos os fariseus, como o próprio Nicodemos, sabiam muito bem que a lei devia ouvir o que o acusado tinha para dizer. Contudo o versículo 52 diz o seguinte: "És tu também da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu." Então, a seguinte pergunta tem que ser feita - essa é uma resposta a uma pergunta real, ou uma resposta a uma pergunta retórica? Se a pergunta de Nicodemos fosse real, então a resposta deveria ter sido, "Não, nossa lei não julga um homem antes de ouvi-lo." Entretanto, se os fariseus interpretassem a pergunta de Nicodemos como se ele de fato tivesse dito: "Nós devemos dar a Jesus um julgamento justo.", então a resposta faria sentido. Jesus veio da Galiléia, e Nicodemos o estava defendendo - por isso a resposta

sarcástica: "Você também é da Galiléia?". Os fariseus estavam respondendo as implicações da pergunta retórica.

Sendo assim, a princípio, as respostas, com exceção da fornecida por quem fez a pergunta, podem ser diferenciadas entre si. A resposta para uma pergunta real traz em si a informação requerida pela própria pergunta; a resposta a uma pergunta retórica não responde à pergunta diretamente, mas às implicações subentendidas pela formulação da pergunta. Responde, assim, à afirmação ou comando que são, na verdade, o sentido da pergunta retórica.

Porém, há certos casos em que a evidência contextual é tanta que a resposta pode ser interpretada de uma ou outra maneira - como uma resposta a uma pergunta real, ou como uma resposta ao sentido de uma pergunta retórica. Temos, por exemplo, Atos 5:27-29:

"E o sumo sacerdote os interrogou dizendo: Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem. Porém, respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens."

Aqui temos a pergunta: "Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome?" e a resposta daqueles que foram questionados: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens." Essa resposta poderia ser considerada como uma resposta à pergunta do sumo sacerdote, sendo que o "sim" estaria naturalmente implícito. A resposta completa seria equivalente a: "Sim, vocês disseram. Mas nós devemos obedecer a Deus e não os homens." Se for analisada dessa forma, é uma pergunta real, respondida por aqueles que foram questionados. Por outro lado, a afirmação dos apóstolos poderia ser considerada como uma resposta a uma pergunta retórica, equivalente a "Nós não os admoestamos expressamente para vocês não ensinarem nesse nome?", e também como uma resposta daqueles que estavam dizendo que haviam desobedecido ao sumo sacerdote porque tinham obedecido a Deus.

Em casos ambíguos como esse, é preferível o tradutor optar pela pergunta real (com sua resposta). Isso porque o conjunto: pergunta e resposta de uma pessoa (ou mais pessoas) questionada, ocorre mais para uma pergunta real do que para uma pergunta retórica. Nesse caso em particular, outra evidência de que a pergunta é real, é que "admoestamos", no versículo 27, é a palavra grega "epjrwjtjen", uma conjugação grega (aorist) do verbo "eperwtaw", que, como foi visto anteriormente, é um verbo usado quase exclusivamente para introduzir perguntas reais.

(2) *Uma pergunta retórica pode ser "direcionada ao próprio falante" ou "direcionada ao ouvinte".* Uma pergunta direcionada ao próprio falante é sempre considerada retórica, pois nesse caso fica claro que não se espera uma resposta de ninguém a não ser da própria pessoa que a faz. Uma pergunta direcionada ao próprio falante é semelhante a uma pergunta retórica direcionada ao ouvinte, pois se a pergunta for respondida, é respondida pelo próprio falante, não por outro. Em certo sentido, algumas perguntas direcionadas ao próprio falante buscam informação, mas por buscarem a informação desejada no conhecimento adquirido do falante, e também por serem formas de questionar e refletir, parece melhor

classificar todas as perguntas direcionadas ao falante como uma subclasse das perguntas retóricas. Lucas 12:17 é um bom exemplo. O homem rico "pensou consigo mesmo: 'O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita'." Ele faz a pergunta a ele mesmo, em seus próprios pensamentos, e também responde a si mesmo no seguinte verso: "Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros...." Esse tipo de evidência aponta, sem sombra de dúvida, a uma pergunta retórica. 127

Porém com perguntas direcionadas ao ouvinte a questão não é tão simples – as perguntas podem ser retóricas ou reais. Um dos termos, no grego, que indica perguntas direcionadas ao ouvinte é o pronome recíproco, geralmente encontrado em sua forma de acusativo (alljlous) ou de genitivo (alljlon). Assim, em Marcos 4:41, temos, "... e perguntavam uns aos outros (Grego alljlous), quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?" Outros exemplos parecidos são encontrados em Lucas 8:25; João 4:33, 11:56 (nesse caso, o verbo grego é o met'alljlwn). Apesar dessas palavras do grego indicarem que as perguntas são direcionadas de uma pessoa para outra dentro de um grupo, não explicitam se elas são reais ou retóricas.

O mesmo aplica-se a forma recíproca "heautoi". A seqüência de palavras "pros heautous", quando usada com uma pergunta, indica que a pergunta é recíproca, feita de uma pessoa para outra. Veja, por exemplo, Marcos 10:26 (de acordo com o texto mais aceito), 16:3; Lucas 22:23; João 7:35, 36, 12:19. Porém, quando o singular ou plural for precedido por 'en' (en heautw, en heautois), vai indicar uma pergunta direcionada ao próprio falante, isto, é, uma pergunta retórica. Há exemplos em Lucas 7:49, 12:17, e 16:3.

Nem todas as perguntas discutidas dentro de grupos são indicadas por essas expressões do grego, por isso outras indicações devem ser procuradas no contexto. As perguntas encontradas em Marcos 2:7: "Por que esse homem fala assim? Está blasfemando! Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?" são introduzidas pela indicação que está no versículo 6, "raciocinando em seu íntimo." Assim, fica claro que essas são perguntas reflexivas, direcionadas ao falante. Na passagem paralela encontrada em Lucas, o indício aparece mais tarde no capítulo 5 versículo 22, que diz: "Jesus, sabendo o que estavam pensando..." Por outro lado, em Mateus 12:23 a multidão pergunta, "Não é esse o filho de Davi?". Mas o versículo seguinte relata que "os fariseus ouviram isso." Sendo assim, essa pergunta foi direcionada ao ouvinte. Em João 16:18, uma pergunta é introduzida simplesmente com: "Diziam, pois." Mas quando Jesus tece um comentário (no verso seguinte) relacionado à pergunta, ele usa a expressão grega "met' alljlwn", demonstrando que a pergunta era direcionada ao ouvinte.

Dessa forma, um dos indícios contextuais que indica que uma pergunta é retórica, é a pergunta direcionada ao próprio falante. Isso pode ser sinalizado por "en heautw/heautois", ou por outros indicativos como "em seus pensamentos" ou "em seu íntimo." Porém, outras perguntas direcionadas ao ouvinte podem ser reais ou retóricas, e critérios diferentes devem ser usados para distingui-las.

Se a resposta a uma pergunta for de conhecimento comum, ou seja, for do conhecimento do falante e dos ouvintes, provavelmente a pergunta é retórica. Por exemplo, quando Jesus pergunta aos saduceus: "... não tendes lido o que Deus vos declarou...?" (Mt 22:31), tanto ele como os saduceus estavam cientes de terem lido.

Nesse caso, o que está implicado é que eles estavam agindo como se não tivessem lido.

A forma de perguntas reais e retóricas

Até agora, a distinção entre perguntas reais e retóricas centrou-se no contexto em que a pergunta é encontrada. Mas a seguinte questão deve ser levantada: "A forma dessas perguntas não oferece nenhuma indicação útil que possa nos ajudar a saber que tipo de pergunta ela é?" A resposta é basicamente, não.

Pode ser que as perguntas reais e retóricas sejam distinguidas entre si, no grego Koiné, pela entoação, mas se isso for verdade, não temos nada que possa comprovar. Sem dúvida, a forma interna de perguntas reais e retóricas não parece se diferenciar uma da outra. As mesmas palavras usadas em perguntas - que, quando, onde, porque, como - são encontradas em perguntas reais e retóricas. As perguntas com sim/não podem usar as partículas negativas "ou" e "mj", mas essas partículas negativas também são encontradas em perguntas reais e retóricas. Por exemplo, as duas seguintes perguntas são reais, uma usando o "mj" e a outra, "ou" no grego.

Mē, em João 6:67 — "Quereis vós também retirar-vos?"

Ouk, em João 18:26 — "Eu não o vi com ele no olival?"

As duas perguntas abaixo são retóricas, e também usam o "*mē*" e o "*ou*".

Marcos 2:19 "*mē*" — "Como podem os convidados do noivo jejuar enquanto este está com eles?"

Marcos 11:17 "*ou*" — "Não está escrito, minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?"

As perguntas reais e retóricas também são formadas sem o uso do "*ou*" ou do "*mē*".

Pergunta real (com resposta afirmativa):

Mt. 9:28 "Vocês crêem que sou capaz de fazer isso?"

Pergunta real (com resposta negativa):

Mt. 13:28 "O Senhor quer que o tiremos?"

Pergunta Retórica (afirmação)

Mt. 26:55 "Saístes, como para um salteador, com espadas e vara para me prender?"

Pergunta Retórica (negação):

Lucas 11:12 "Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?"

Provavelmente há muito mais exemplos como os anteriores que mostram o "*ou*" e o "*mē*" sendo usados em ambos os tipos de pergunta. O fato de aparecerem ou não na frase, não fornece base suficiente para distinguir as perguntas reais das retóricas.

128 Entretanto, geralmente o "*ou*" e o "*mē*" aparecem mais em perguntas

retóricas, do que em perguntas reais nas quais um sim/não deve ser usado como resposta.

Desfazendo as ambigüidades por meio de passagens paralelas

Às vezes, a comparação entre as passagens paralelas encontradas nos Evangelhos pode ser usada para definir se uma pergunta ambígua é real ou retórica. Porém, essa comparação entre as perguntas deve ser feita com muito cuidado, para não se correr o risco de considerar passagens diferentes como sendo iguais. Os autores de cada Evangelho relatam os detalhes diferentes de um mesmo acontecimento, selecionando informações e optando por certa forma lingüística a fim de dizerem o que querem. Por isso, não podemos supor que o que é uma pergunta retórica em uma passagem também seja uma pergunta retórica na passagem paralela.

Por exemplo, em Mateus 21:40, 41 (no final da parábola dos lavradores) Jesus pergunta a multidão: "Portanto, quando vier o dono da vinha, o que fará àqueles lavradores?" A multidão responde: "Matará de modo horrível esses perversos...". Aqui Mateus faz uma pergunta real, com uma resposta daqueles que foram questionados. Mas em Marcos 12:9 e em Lucas 20:15, 16 o próprio Jesus responde sua pergunta, de modo que a pergunta é claramente retórica. Nesse caso, a evidência encontrada no contexto imediato indica que uma dessas três passagens envolve uma pergunta real e as outras duas, uma pergunta retórica; não há nenhuma ambigüidade. Em casos assim, seria errado mudar a forma de uma passagem para que essa se ajuste a outra só porque ambas estão relatando o mesmo evento.

Porém, em Marcos 2:24, a pergunta é ambígua. Os fariseus, vendo os discípulos de Jesus colhendo e comendo espigas no sábado, lhe perguntam: "Vês, porque fazem no sábado o que não é lícito?". Jesus responde, então, com uma referência a Davi e a seus homens, que não é uma resposta direta à pergunta dos fariseus. A resposta de Jesus pode ser considerada como uma resposta ao sentido por detrás da pergunta retórica, que nesse caso é uma acusação; ou pode ser considerada como uma forma de adiar a pergunta real, sendo que a resposta só vai ser dada no versículo 28. No caso de uma ambigüidade como essa, a referência à passagem paralela é legítima, e ao comparar essa passagem a de Mateus 12:2 o tradutor perceberá que o desafio que os fariseus fizeram a Jesus nem sequer é uma pergunta, é uma afirmação. (A passagem correspondente em Lucas 6:2 é semelhante à passagem de Marcos.) Assim, o tradutor interpretará Marcos 2:24 como sendo uma pergunta retórica equivalente, em sentido, a uma indicação. Esta interpretação é fortalecida pelo fato que diversas traduções do inglês na Linguagem de Hoje também consideram essa passagem como sendo uma indicação ou uma exclamação.

As funções das perguntas reais e retóricas

Até agora, o objetivo desse estudo foi expor os critérios usados para distinguir as perguntas reais das retóricas, mesmo que em alguns casos ainda haja ambigüidade. Porém, nesta seção, uma vez que a distinção entre as perguntas já foi feita, surge a seguinte questão: Se essa for uma pergunta real (ou retórica), qual é sua função nesse contexto? Primeiro, devemos considerar as funções das perguntas reais, depois, a das perguntas retóricas.

As funções das perguntas reais

As perguntas reais podem ter duas funções:

- (1) a de obter informação desconhecida; essas perguntas são feitas por um aprendiz ou questionador; e
- (2) a de pedir informação já conhecida; essa pergunta é geralmente feita por um professor.

É provável que a primeira função seja a que aparece mais freqüentemente nas perguntas reais encontradas no Novo Testamento. Há um exemplo da primeira função em Mateus 13:10, no qual os discípulos perguntam a Jesus porque ele falava às pessoas por meio de parábolas. Eles fizeram essa pergunta, pois não entendiam porque Jesus usava esse método particular de ensino. Exemplos da segunda função também são bem comuns. João 6:5, 6 já foi mencionado como um deles.

Algumas pessoas acreditam que as perguntas reais podem ter uma terceira função. Essa função seria a de tentar obter uma opinião (que o questionador pode ou não conhecer) em situações que geram polêmica. Porém, essa função pode ser considerada como um objetivo específico da pergunta tanto no caso do número (1) ou (2) listados acima. Por exemplo: em Mateus 22:17 perguntaram a Jesus: "É certo pagar imposto a César, ou não?". As pessoas que fizeram essa pergunta a Jesus a fizeram deliberadamente, pois sabiam que era uma pergunta que gerava controvérsias, uma vez que os judeus defendiam ambos os pontos de vista. Nós não sabemos se eles tinham alguma idéia de qual era o ponto de vista de Jesus, mas, tendo ou não, a pergunta foi feita para obter informação. O objetivo do questionador ao fazer a pergunta é um assunto à parte das duas funções gerais da pergunta real.

Assim, as perguntas reais têm uma função básica – obter informação de uma ou mais pessoas, a quem a pergunta foi feita.

As funções das perguntas retóricas

Em contraste com as perguntas reais, as perguntas retóricas têm o propósito de transmitir ou destacar informação, e não o de obter informação. Sendo assim, essas perguntas são semanticamente equivalentes às declarações, termo esse, aqui usado com sentido abrangente a fim de incluir o imperativo. Há quatro funções principais:

1. uma declaração afirmativa;
2. uma declaração duvidosa;
3. uma declaração avaliativa ou de obrigação;
4. para destacar e introduzir um assunto ou aspecto novo relacionado ao mesmo assunto.

1. Uma declaração afirmativa

As perguntas retóricas que se transformam em declarações afirmativas não carregam implicações avaliativas ou de obrigação. Simplesmente demonstram que o falante sabe do que está falando, ele fala com certeza. Se a informação dada pela pergunta for de conhecimento comum tanto do falante como dos ouvintes, o falante está chamando atenção dos ouvintes para essa informação. (Veja Mateus 26:55, Lucas 11:12, e 1 Coríntios

12:17.) A declaração em que uma pergunta retórica se transforma pode ser uma afirmação, uma negação, ou uma combinação de ambas.

A maioria das declarações contém, ou a partícula "ou", ou não contém o "ou" e nem o "mj". Por exemplo, em Mateus 6:30 a pergunta começa com o "ou": "... não vestirá muito mais a vocês...?" Essa pergunta é equivalente à declaração, "ele certamente vestirá muito mais a vocês." Um exemplo de uma pergunta retórica sem o "ou" nem o "mj", que se transforma em uma declaração, é encontrado em Mateus 26:55. "Saístes como para um salteador, com espadas e varapaus para me prender?"

As negações, ou recusas, contêm o "mj", ou não contêm nem o "ou" nem o "mj". Um exemplo com o "mj" pode ser encontrado no versículo 2:19 de Marcos: "Podem, porventura, os filhos das bodas jejuar enquanto está com eles o esposo?". A negação equivalente a esse versículo seria "os filhos das bodas não podem jejuar enquanto..." Um exemplo que não usa nem o "ou" nem o "mj" pode ser encontrado em Lucas 11:12: "Se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?". Nesse caso, a negação seria: "Se lhe pedir um ovo, ele não lhe dará um escorpião."

Abaixo seguem exemplos do uso de palavras 'interrogativas', como: "quem", "que", "onde", e "como" usadas nesse tipo de pergunta retórica:

Marcos 3:23: "Como pode Satanás expulsar Satanás?". Esse verso significa o mesmo que "Satanás não pode expulsar Satanás."

Lucas 9:25: "Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?". A pergunta tem um significado parecido com "não adianta um homem ganhar o mundo inteiro..."

Lucas 16:11: "... quem lhes confiará as verdadeiras riquezas?". Isso é equivalente à declaração negativa, "ninguém lhes confiará as riquezas verdadeiras."

1 Cor. 12:17: "Se todo corpo fosse olho, onde estaria a audição?". A última parte dessa pergunta tem o mesmo significado que a declaração/oração negativa, "não haveria audição."

As perguntas retóricas, que podem ser transformadas tanto em uma afirmação como em uma negação, são introduzidas por "ti" ("qual") e apresentam duas alternativas ligadas pela conjunção 'ou'. Isso foi feito dessa forma para que, uma parte da pergunta pudesse ser transformada em uma declaração afirmativa e a outra parte em uma declaração negativa. Marcos 2:9 "Qual (ti) é mais fácil? Dizer... Estão perdoados os teus pecados; ou dizer-lhe: Levanta-te, toma o teu leito e anda?". É claro que é mais fácil dizer a primeira, porque a afirmação não pode ser nem comprovada nem contestada; a segunda alternativa pode ser ou não comprovada diante de todos. A transformação desta pergunta podia, então, ser: "É fácil dizer que os teus pecados estão perdoados; não é fácil 'levanta-te, toma teu leito e anda'."

Gálatas. 3:2: "Foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram?". Essa frase pode ser transformada em duas afirmações: "Você recebeu o Espírito pela fé naquilo que ouviram, não pela prática da Lei."

2. Uma declaração duvidosa

As perguntas retóricas são usadas não apenas para expressar certeza, mas também para expressar a incerteza de várias formas diferentes, tais como a dúvida, a perplexidade e a incerteza; a contingência ou deliberação. As três primeiras formas representam um estado

de espírito que ocorre depois que uma pessoa tem acesso a evidências que não levam a nenhuma conclusão sólida. Uma contingência representa um evento ou um estado que pode vir a ocorrer ou a existir, e é a causa ou a razão em potencial de outro evento ou estado. A deliberação representa o processo de pensamento pelo qual a evidência apresentada é avaliada, e conduz a alguma conclusão. Seguem alguns exemplos desses diferentes aspectos da incerteza.

Dúvida ou incerteza é expressa em Mateus 6:31. Nesse versículo Jesus foca em perguntas como "Que vamos comer?", "Que vamos beber?", e "Que vamos vestir?". Se perguntas como essas fossem levantadas em um círculo familiar por um dos seus membros, não representariam perguntas reais. Nesse contexto familiar, transmitiriam a idéia de incerteza, uma incerteza que rapidamente se transformaria na preocupação que Jesus está proibindo na passagem citada acima. Essas perguntas são equivalentes a declarações, como: "Nós não sabemos o que comeremos, beberemos ou vestiremos." Um exemplo parecido com esse pode ser encontrado em Mateus 13:56, na metade do versículo, no qual os nazarenos dizem o seguinte a respeito de Jesus: "Donde lhe veio, pois, tudo isso?". Essa é uma pergunta retórica equivalente a "Nós não sabemos os donde lhe veio tudo isso."

Em 1 Coríntios 7:27, duas perguntas que podem se transformar em contingências são levantadas: "Você está casado? Não procure separar-se. Está solteiro? Não procure esposa." Na verdade, essas perguntas são transformadas em indicações condicionais: "Se você estiver casado, não procure se separar. Se você estiver solteiro, não procure uma esposa."

Um grupo de perguntas semelhante ao citado anteriormente é encontrado em Tiago 5:13, 14. "Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja..." De novo, essas perguntas podem ser transformadas, de uma maneira direta, em orações condicionais. "Se qualquer um dentre vocês estiver sofrendo, que ore. Se qualquer um dentre vocês estiver feliz, que cante louvores. Se qualquer um estiver doente entre vocês, mande chamar.."

Usaremos dois exemplos do Evangelho de Lucas para ilustrar a deliberação. Em Lucas 12:17, o homem rico pensou consigo mesmo: "O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita." Do mesmo modo, em Lucas 16:3, o administrador disse a si mesmo: "Que farei?". Tanto o homem rico como o administrador se depararam com situações distintas – sendo a primeira a produção em abundância, e a outra a ameaça de demissão - e estavam pensando no que deveriam fazer na dada circunstância.

3. Uma afirmação de avaliação ou obrigação

As perguntas retóricas também são usadas para fazer afirmações de avaliação - de aprovação ou de desaprovação. Os julgamentos são feitos em relação à conveniência, à ética ou ao valor de uma ação e um estado, uma pessoa ou alguma coisa; tais julgamentos geralmente são seguidos de implicações emocionais. Esses julgamentos normalmente implicam que os ouvintes devem reagir ao julgamento com uma ação adequada. Parece que a pergunta é usada como uma forma educada e indireta de repreender alguém ou de mandar alguém fazer alguma coisa.

Vale a pena apontar que muitas das atitudes emocionais do falante podem acompanhar uma pergunta retórica deste tipo. Entretanto estas atitudes se derivam do contexto em que a pergunta se encontra e não da sua forma real. Porém, muitas das perguntas retóricas que começam com "por que" ou "como é" refletem negativamente sobre a legitimidade do propósito, razão ou motivo das ações ou declarações de uma pessoa. Assim, essas perguntas geralmente se transformam em declarações que contêm a palavra "deve" ou

"não deve" ou as formas imperativas "faça" ou "não faça", e as declarações negativas normalmente são consideradas "proibições" pelos comentários bíblicos. Abaixo seguem alguns exemplos de avaliação e obrigação negativas:

Mt. 7:3: "Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?". Esse verso equivale à seguinte declaração: "Você não deve ..." ou "não repare. ..."

Mt. 8:26 "Por que vocês estão com tanto medo?" Com essas palavras, Jesus repreendeu seus discípulos, de modo que a pergunta tem o mesmo significado que "Vocês não devem ter tanto medo", ou "Não tenham tanto medo."

Marcos 2:7: "Por que esse homem fala assim? Está blasfemando!" Esta é uma pergunta dirigida ao próprio falante e indica uma avaliação negativa, e não uma deliberação. Sem dúvida, os mestres da lei estavam condenando o que Jesus dizia. Assim, o equivalente a pergunta que fizeram é: "Esse homem não deve falar assim, blasfemando."

Marcos 5:35: "Por que ainda incomodas o mestre?". Essa frase pode ser dita como: "Não incomode mais o mestre" ou "Não é bom você incomodar mais o mestre."

Marcos 14:4: "Para que se fez esse desperdício de unguento?". Os versículos antes desse deixam claro que as pessoas que disseram isso estavam zangadas e condenavam a mulher com indignação. Assim, a pergunta retórica que fizeram é equivalente a: "Esse desperdício do unguento não deveria ter acontecido."

Lucas 12:51: "Vocês pensam que eu vim trazer paz ao mundo?". Esta frase pode ser transformado em "Não pensem que vim trazer paz ao mundo", ou "vocês estão enganados se pensarem que eu vim trazer paz ao mundo." Dois outros exemplos parecidos com esse podem ser encontrados no capítulo seguinte.

Em Lucas 13:2, 4, cada versículo usa o verbo "dokeite" do grego "vocês supõem/pensam?". João 18:21: "Por que o senhor está me fazendo essas perguntas?". Essa pergunta se transforma em "Não me faça essas perguntas", ou "Você não deve me fazer essas perguntas". (Note que essa pergunta é seguida imediatamente pelo afirmativo imperativo correspondente: "Pergunte aos que me ouviram....")

Co 15:12: "Se a nossa mensagem é que Cristo foi ressuscitado, como é que alguns de vocês dizem que os mortos não vão ressuscitar?". O "Como é" neste versículo equivale ao "por que" dos exemplos anteriores, e a frase como um todo é equivalente a "Já que nossa mensagem é que Cristo ressuscitou dos mortos, alguns de vocês não deveriam dizer que os mortos não vão ressuscitar".

Talvez devêssemos enfatizar, mais uma vez, que essas perguntas retóricas de avaliação diferem daquelas que expressam certeza, pois apontam se algo (ação ou atitude) é certo ou errado, bom ou ruim. As perguntas que expressam certeza não são, de maneira nenhuma, de julgamento – elas simplesmente esclarecem que o falante tem certeza do que está dizendo.

Quando os comentários bíblicos são usados para ajudar na interpretação de perguntas retóricas, nota-se que esses comentários normalmente focam nas emoções implicadas pela pergunta no seu contexto particular. Termos como "censurar", "repreender", "admoestar", "dar bronca", "ralhar" e "reprovar" são usados - mas todos compartilham o mesmo componente: a avaliação negativa. As implicações mais implícitas indicadas por estes termos são fornecidas pelo contexto.

Os casos de avaliação positiva são raros. Alguns desses casos são indicados, por pontos de exclamação, nos textos e nas versões. Por exemplo, em Lucas 1:66 temos, na Versão King James: "Quem será, pois, este menino!", mas nos textos gregos do Novo Testamento Nestle e das Sociedades Bíblicas, a frase tem a forma de interrogação. Já que o texto original não tinha pontuação, o uso da exclamação ou da interrogação é uma questão de interpretação. Esta exclamação ou pergunta encontrada em Lucas 1:66 pode ser considerada como equivalente a: "Esta criança será muito importante."

Abaixo seguem exemplos de comandos positivos que geralmente são de "súplica", "exortação", "obrigação" ou "necessidade":

Marcos 9:12: "... por que está escrito que é necessário que o Filho do homem sofra muito e seja rejeitado com desprezo?". Essa frase pode ser transformada no seguinte comando positivo: "...considera, então, o que está escrito", ou "...você deve considerar o que está escrito".

Marcos 12:35: "Como os mestres da lei dizem que o Cristo é filho de Davi?" Essa frase pode ser transformada em um tipo semelhante de comando positivo: "Pensa mais (ou 'Você deve pensar mais') sobre o que os mestres da lei dizem quando dizem que o Cristo é filho de Davi".

Em Mateus 17:25, uma pergunta real é introduzida com a pergunta: "O que você acha, Simão?". Esta pergunta introdutória pode ser interpretada como uma pergunta real genérica seguida por uma pergunta real específica, ou como uma pergunta retórica que funciona como um comando. Se considerarmos a segunda opção, a frase pode ser equivalente a "Diga-me o que você acha, Simão". Há mais dois exemplos paralelos no Evangelho de Mateus. Veja Mateus 18:12 e 22:17.

4. Para introduzir um assunto novo ou um aspecto novo de um assunto

As perguntas retóricas também são usadas para indicar o início de um assunto novo ou algum aspecto novo do mesmo assunto - uma interferência, uma conclusão, uma explicação ou uma resposta a uma discussão anterior. Se tais perguntas tiverem que ser transformadas em declarações na Língua Receptora, então essas declarações empregarão palavras como "dizer", "considerar" ou "concluir."

A seguinte lista dá exemplos nos quais o verbo "dizer" pode ser usado na transformação da pergunta:

Mt 11:16: "A que posso comparar esta geração?". Essa frase pode ser reformulada da seguinte forma: "Eu lhes direi a que esta geração pode ser comparada". Em Lucas 7:31 a mesma reformulação é possível.

Mt 12:48: "Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?". Isso equivale a: "Eu lhes direi quem minha mãe é...".

João 13:12: "Vocês entendem o que lhes fiz?" Dita como uma declaração, essa pergunta transforma-se em "Eu lhes direi o que lhes fiz."

As perguntas que podem ser transformadas em declarações com o verbo "concluir" são iguais às que são freqüentemente encontradas no livro de Romanos. Várias vezes Paulo faz a pergunta: "E então?" ("Oun do ti" do Grego), ou "Que diremos, então?" ("ti oun ti eroumen" do grego). Estas perguntas introduzem conclusões. Algumas delas são conclusões do próprio Paulo, outras são conclusões falsas, representando a opinião das pessoas que distorceram o que Paulo havia ensinado. Estas conclusões são rejeitadas com

a frase característica "De maneira nenhuma." As próprias conclusões de Paulo podem ser expressas como declarações desse tipo, "nós/eu concluo, dessa forma...". Por exemplo, a pergunta em Romanos 8:31, "Que diremos, pois, diante dessas coisas?", pode ser dita como "Nós concluímos, pois, diante dessas coisas....", ou, outra vez, em 9:30, "Nós concluímos, então, que os gentios....". Um terceiro exemplo desse tipo é encontrado no capítulo 11:7.

As conclusões que são rejeitadas podem ser equivalentes a "Nós concluímos, então, que isso... não....". Há um exemplo em Romanos 6:1, que pode ser traduzido como: "Nós concluímos, então, que não devemos continuar a pecar para que a graça aumente". Outros exemplos parecidos são encontrados em Romanos 3:9, em 6:15, em 7:7 e em 9:14. Perguntas retóricas que introduzem um novo aspecto de um assunto podem ser encontradas em Romanos 3:1. Este capítulo começa com duas perguntas: "Que vantagem há então em ser judeu, ou que utilidade há na circuncisão?". O capítulo 2 trata da pergunta, feita a respeito dos judeus, de um ângulo - o capítulo 3 trata-o de outro. Assim, estas perguntas podem ser traduzidas como "Deixe-nos ver se há vantagem em ser judeu e se há utilidade na circuncisão."

Estas perguntas introdutórias podem ser reditas de várias formas possíveis, e o tradutor deve escolher o tipo de pergunta usada na Língua Receptora em contextos parecidos. Por exemplo, Mateus 11:16 contém a pergunta retórica: "A que posso comparar esta geração?". Esta pergunta poderia ser redita da seguinte forma: "Eu lhe direi a que posso comparar essa geração", ou "Deixe-me dizer a que esta geração se compara."

Às vezes não se sabe se palavras como "dizer" são necessárias, ou se apenas uma simples declaração é suficiente. Por exemplo, em Marcos 13:2, Jesus pergunta: "Você está vendo todas estas grandes construções?". Isto poderia ser dito da seguinte forma: "Eu lhes falarei sobre estas grandes construções", ou simplesmente como: "Sim, olhe para aquelas construções!", usando uma forma da Língua Receptora que seja apropriada para servir de resposta à exclamação dos discípulos no versículo 1. Há exemplos de usos similares do verbo "ver" em perguntas, em Mateus 24:2 e Lucas 7:44.

Uma escolha desse mesmo tipo pode ser encontrada relacionada a Mateus 11:7. Jesus pergunta à multidão: "O que vocês foram ver no deserto?". Isto pode ser interpretado como sendo equivalente a "Eu lhes direi o que vocês foram ver no deserto", ou como "Vocês não foram ao deserto ver um caniço agitado pelo vento."

A discussão acima a respeito do contraste entre perguntas reais e retóricas e suas várias funções no Novo Testamento estão resumidas na tabela 1.

TABELA 1

PERGUNTAS NO NOVO TESTAMENTO		
CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO	
R E A L	1. para pedir/obter informação desconhecida 2. para obter informação conhecida	
R E T Ó R I C A	1. para expressar certeza	Negativa Afirmação, Ambas as opções (escolha óbvia)
	2. para expressar incerteza, contingência ou deliberação	
	3. avaliação ou dar comando	Afirmativo ou Negativo
	4. para destacar e introduzir um assunto novo ou um aspecto novo de um mesmo assunto.	

A função conotativa de perguntas retóricas

As perguntas retóricas também têm uma função conotativa que o tradutor deve manter em mente. Embora contenham basicamente a mesma informação, as duas sentenças usadas no inglês, "While it remained, it was your own" ("enquanto durou, era seu") e "While it remained, was it not your own?" ("enquanto durou, não era seu?") não são inteiramente equivalentes. Em si, a forma de pergunta tem implicações no inglês; é mais viva, mais centralizada, demanda mais atenção. Esta é uma característica comum de perguntas retóricas do grego e do inglês; quando estão transmitindo informação, expressando dúvida ou avaliando algo, também apresentam tal traço de expressividade ou de foco.

Já que neste capítulo os exemplos de perguntas retóricas foram re-fraseados na forma de não-pergunta, não houve referência a esta característica de expressividade, mas a mesma deve ser levada em consideração durante a tradução.

A Tradução de Perguntas Retóricas

Quando as perguntas retóricas do texto original são reescritas na forma de perguntas, a frase provavelmente passará o significado errado. Dois tipos de interpretações errôneas

foram observados: (1) uma pergunta retórica é interpretada como uma pergunta real, e (2) o sentido da pergunta retórica é mal entendido. Abaixo, cada tipo é exemplificado.

Perguntas retóricas interpretadas como perguntas reais

Quando uma pergunta retórica é tida como uma real, o leitor freqüentemente supõe que o falante está buscando uma informação que desconhece. Quando Jesus diz em Marcos 4:30, "A que assemelharemos o Reino de Deus?" Ele usa uma pergunta retórica para introduzir um assunto novo. Os leitores da tribo indígena Cora, do México, entenderam que Jesus queria que seus ouvintes o ajudassem a escolher as ilustrações que poderiam ser usadas para melhor ensinar com o que o Reino de Deus se assemelha. Este mesmo tipo de má interpretação também ocorreu na língua Trique. O problema que mais confundiu o ajudante da língua surgiu em 1 Coríntios 3:5. Ele se lembrou de que Paulo era o autor desta carta e não conseguia entender porque ele escreveu a pergunta: "Quem, então, é Paulo?" No Brasil, na língua Guarani, muitas perguntas retóricas também foram tidas como sendo reais. Quando Jesus perguntou aos seus discípulos "Vocês não compreendem?", o povo Guarani achava que a frase significava: "Eu não compreendo; digam-me, vocês entendem?" em vez de "Vocês devem compreender." Em algumas línguas, como Chinantec, do México e em Chuj, da Guatemala, todas as perguntas que usem as palavras: quem, que, onde e quando, são interrogativas, isto é, pedem informação não conhecida pelo falante, a não ser que a pergunta seja feita em sala de aula.

Perguntas retóricas interpretadas erroneamente

Mesmo se uma pergunta retórica for corretamente considerada como tal, o leitor ainda pode enganar-se por causa da forma de pergunta. Em Mateus 3:14 João Batista destaca a grande importância de Jesus, usando uma pergunta para indicar sua relutância em batizá-lo. A pergunta "E vens tu a mim?" foi entendida como sendo uma indicação da irritação de João Batista que estava ocupado batizando muitas pessoas; Jesus deveria saber o quanto ele estava ocupado e devia ter ido atrás de outra pessoa.

Por exemplo, as perguntas que Jesus usou para mostrar o quanto João Batista era importante foram respondidas de forma errada. As perguntas foram: "O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?... Um homem vestido de roupas finas?" Neste contexto a ênfase que Jesus deu requer respostas negativas. Entretanto, um ajudante de uma língua, que também era um cristão maduro, respondeu ambas as perguntas afirmativamente, indicando o fato de uma vez João Batista ter duvidado que Jesus fosse o Messias, e que ele usava roupas feitas de pelo de camelo, e isso significava usar roupas finas já que o pelo de camelo devia ser bem raro e caro.

Mateus 18:12 diz: "O que acham vocês? Se alguém possui cem ovelhas, e uma delas se perde, não deixará as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu?" A intenção desta pergunta é indicar a racionalidade de se deixar noventa e nove ovelhas para encontrar a que se perdeu. Quando este versículo foi traduzido pela primeira vez em Chinantec, uma língua do México, foi apresentado da seguinte forma: "Você pensa que se um homem tiver cem carneiros, etc." Escrito desta forma o versículo ridiculariza a idéia de deixar tantos carneiros para procurar apenas um. Em vez de levar alguém a responder a pergunta de forma afirmativa, leva a pessoa a respondê-la de forma negativa e errada, apesar da pergunta ter sido reconhecida como sendo retórica.

Na maioria das línguas há algumas perguntas que por terem sido usadas com muita freqüência num sentido retórico, se transformam em formas 'congeladas' que são usadas repetidas vezes na mesma forma. Nesta forma já não são interpretadas como perguntas reais. Em inglês, por exemplo, as perguntas "Quem você pensa que você é?" ou "Exatamente quem você pensa que você é?" raramente serão consideradas como uma forma de pedir informação. Às vezes estas formas de pergunta congeladas são usadas pelo

tradutor sem que ele reconheça seu uso especial. "Você sabe" é uma forma introdutória 'congelada' que precede uma pergunta completa que é usada – em algumas línguas – para ridicularizar a pessoa a quem o falante se dirige. Quando esta forma ocorre nas Escrituras seu sentido é: "Você deve saber" ou "Certamente você sabe" como em Romanos 6:3,16; 7:1; 1 Coríntios 6:19; 9:24. Assim, com uma tradução literal da pergunta, a mesma será tida como uma pergunta retórica, mas o sentido comunicado estará errado.

Naturalidade e a tradução de perguntas retóricas

Se todas as perguntas retóricas do texto original forem traduzidas literalmente, e mesmo se não transmitirem o sentido errado, muitas delas não fluirão com naturalidade, e provavelmente resultarão em ambigüidades e em pontos obscuros no texto. Para as perguntas retóricas serem escritas naturalmente em uma tradução das Escrituras, é importante saber com que freqüência aparecem na Língua Receptora, conhecer todas as limitações em relação aos tipos de discurso, e a forma que - além de ser a correta também é a mais usada. É claro que de acordo com a discussão vista anteriormente, presume-se que as funções básicas de comunicação da pergunta retórica de uma Língua Receptora não serão esquecidas. Estas funções provavelmente não serão as mesmas que as funções das perguntas retóricas usadas no texto original.

A freqüência do uso de perguntas retóricas também é importante. Quando a Língua Receptora usa perguntas retóricas com uma das mesmas funções que as do Novo Testamento, a tendência natural do tradutor será traduzir todos os exemplos deste uso com a transferência direta da forma, combinando as perguntas retóricas do texto original com as perguntas retóricas da Língua Receptora numa relação de um a um. Porém, um estudo completo da Língua Receptora pode indicar que, embora as perguntas retóricas sejam usadas com a mesma função que as do original, não são usadas com a mesma freqüência. A freqüência com que um tradutor usa perguntas retóricas na sua tradução é determinada pela habilidade que ele tem de perceber os contextos no quais tais perguntas seriam usadas naturalmente, mesmo que não haja uma pergunta nesta mesma passagem no texto original. Por exemplo, se as perguntas retóricas numa determinada língua fossem usadas somente nos trechos onde apareceram no Novo Testamento, sua ocorrência seria em quantidade bem menor. Mas já que também foram usadas em contextos diferentes, sua incidência superou a das perguntas retóricas do Novo Testamento, e aproximou-se da freqüência encontrada nos textos nativos. Em Marcos 2:19 a seguinte pergunta é feita: "Podem, porventura, os filhos das bodas jejuar enquanto está com eles o esposo?". Esta pergunta é seguida de uma resposta. Então, no versículo 20 nós somos informados de quando eles devem jejuar, através das palavras: "E então jejuarão naqueles dias". Estas palavras foram escritas na forma de uma pergunta retórica: "Como podem comer e beber naqueles dias?".

Num caso semelhante, em Marcos 15:29 a declaração: "Ah! Tu que derribas o templo, e em três dias o edificas" foi reescrita como "Você ia derrubar/destruir a casa de Deus, você disse isso? E você ia edificá-la de novo em três dia, você disse isso?". Aqui, as perguntas indicam desprezo e ridicularização enquanto as declarações não transmitiriam esta mesma atitude.

Em Mateus 13:54 – 56 há uma série de seis perguntas retóricas praticamente consecutivas. Séries semelhantes a essa também ocorrem em outras passagens no Novo Testamento, mas nunca são usadas em algumas línguas, e em outras apenas são usadas para indicar muita raiva. Em ambos os casos é preciso transformar a maioria destas perguntas em declarações; no primeiro caso, por razões estilísticas; no segundo, para evitar a atribuição de uma atitude errada às pessoas que fazem as perguntas.

O tradutor também deve saber se as perguntas retóricas surgem apenas em contextos especiais, já que isso pode restringir bastante seu uso natural. Entre o povo Chols, o uso natural de perguntas retóricas foi, na sua maior parte, relacionado aos contextos de raiva e de tristeza. Uma vez que o Cristianismo tem influenciando a forma de pensar das pessoas, esse povo pode ter abandonado o uso de perguntas retóricas em contextos de tristeza. Alguns anos atrás era comum se ver uma esposa tomada de tristeza seguindo o caixão de seu marido, gritando: "Por que você me deixou? Por que você não colheu o milho? Por que você me abandonou com todas as nossas crianças? Por que você me bateu? Porque você não catou a lenha para o fogo?". O tradutor precisa saber em quais situações as perguntas retóricas podem ser usadas.

Ao moldar as perguntas retóricas o tradutor provavelmente se deparará com um leque de escolhas possíveis. Ele pode descobrir que é possível usar uma pergunta seguida de uma resposta, ou uma pergunta sem uma resposta, ou ainda uma declaração direta. A partir destas possibilidades ele poderá escolher manter a forma que ocorre no original, desde que o sentido correto seja transmitido, isto é, se uma pergunta for usada, o tradutor deverá usar uma pergunta com uma resposta, apenas se também houver uma no original. Esta maneira de agir, mesmo sendo aceitável, não leva em consideração a forma natural usada na Língua Receptora. A escolha de uma forma natural pode ser uma das diversas possibilidades de tradução, dependendo da função da pergunta retórica, ou pode ser uma forma característica dessa língua particular (?). Por exemplo, em uma determinada língua as perguntas retóricas são transformadas em declarações, e seguidas de uma pergunta que busca afirmar o que foi dito. Assim, "Não vos deu Moisés a lei?" (João 7:19) transforma-se: "Foi Moisés que vos deu a lei, não foi?" Em outras línguas, como o Chontal de Oaxaca, é comum responder perguntas retóricas. Assim, a maioria delas é acompanhada de uma resposta. Alguns exemplos de textos nativos incluem:

"Agora, alguém cuida de mim? Nós tomamos conta de nós mesmos".

"Ele é generoso? Com certeza ele é egoísta".

"Como você pode ganhar dinheiro assim? Você não pode ter ganho. "

O tradutor também deve buscar marcadores lingüísticos específicos que ocorrem com perguntas retóricas da Língua Receptora. Estes dispositivos são importantes não só para assegurar a naturalidade da forma da pergunta, mas também para comunicar o sentido correto, já que estes marcadores lingüísticos carregam informações específicas. Não só é importante estar ciente do uso ou do não-uso de perguntas retóricas na Língua Receptora a fim de assegurar que a forma de pergunta do original não seja transmitida indiscriminadamente, como também é importante estar ciente dos outros dispositivos de discurso - da Língua Receptora - que correspondem, no quesito função, aos vários usos das perguntas retóricas no grego. Isto é verdadeiro em relação ao efeito de expressividade ou de foco, que a pergunta retórica transmite tanto no grego como no inglês. O tradutor deve sempre estar atento para que possa usar os dispositivos correspondentes da Língua Receptora para transmitir o mesmo efeito do texto original.

Em resumo, tanto a informação quanto a implicação correta das perguntas reais e retóricas das Escrituras devem ser transmitidas. Quando isto for feito, levando em consideração o uso das formas naturais para ambos os tipos de pergunta e a frequência para o último tipo de pergunta, então o tradutor estará sendo fiel ao texto original tanto no sentido como na dinâmica.